REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO DA UNIVEL

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO CLÍNICO: SER MULHER E A SOBRECARGA DAS MULTITAREFAS

EXPERIENCE REPORT IN CLINICAL INTERNSHIP: BEING A WOMAN AND THE OVERLOAD OF MULTITASKING

Vitória Gabriela Benites Dos Santos[1]
Ana Claudia Kissner Batista[2]

Resumo: O artigo, por meio de um relato de experiência, descreve a prática clínica realizada no estágio de Atendimento Clínico II, utilizando a abordagem fenomenológico-existencial. Através de uma série de 18 sessões com uma paciente de 48 anos, o trabalho investiga a experiência de ser mulher no contexto contemporâneo e como os papéis sociais, familiares e pessoais podem acarretar sobrecargas emocionais e psicológicas. A paciente, casada e mãe de um filho com doença celíaca, enfrentava desafios relacionadas à aceitação do diagnóstico do filho, à sobrecarga de responsabilidades e à dificuldade em equilibrar o autocuidado com as demandas familiares. O processo terapêutico a auxiliou na desconstruir identidades restritivas e a reconhecer suas possibilidades existenciais, promovendo maior autenticidade e liberdade nas suas escolhas. A partir da escuta empática e do acompanhamento terapêutico, foi possível observar uma redução nos níveis de ansiedade da paciente e um aumento na sua capacidade de lidar com suas próprias necessidades.

Palavras-chave: Terapia Fenomelógica-existencial; Autocuidado; Sobrecarga Emocional; Crenças Limitantes.

[1] Aluna da graduação em Psicologia do Centro Universitário Univel.

[2] Graduada em Direito (Univel / 2018). Graduada em Psicologia (UNIPAR - Campus Cascavel - PR / 2018). Especialista em Psicologia Fenomenológica-Existencial pela Universidade Paranaense - UNIPAR, Campus Cascavel - PR (2021), atualmente cursando Especialização em Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica pela FAVENI e Especialização em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana pelo NUCAFE. Docente do Curso de Psicologia da UNIVEL e da UNIPAR, onde supervisiona estágios básicos e específicos da graduação e orienta trabalhos de conclusão de curso. Na área da educação, tem experiência em educação infantil e docência no ensino superior. Atua na área da psicologia clínica e da psicologia jurídica, especificamente em contexto de ressocialização desenvolvendo grupos com autores de violência doméstica e familiar contra a mulher

Abstract: The article, through an experience report, describes the clinical practice conducted in the Clinical Care II internship, using the phenomenological-existential approach. Through a series of 18 sessions with a 48-year-old patient, the work investigates the experience of being a woman in the contemporary context and how social, familial, and personal roles can lead to emotional and psychological overloads. The patient, married and mother of a son with celiac disease, faced challenges related to accepting her son's diagnosis, the overload of responsibilities, and the difficulty in balancing self-care with family demands. The therapeutic process helped her deconstruct restrictive identities and recognize her existential possibilities, promoting greater authenticity and freedom in her choices. Through empathic listening and therapeutic support, a reduction in the patient's anxiety levels and an increase in her ability to address her own needs were observed.

Keywords: Phenomenological-Existential Therapy; Self-care; Emotional Overload; Limiting Beliefs.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia é uma área científica e uma profissão que oferece diversas oportunidades de atuação, sendo a prática clínica a mais reconhecida e popular entre os profissionais desta área (Silva; Coelho; Pontes, 2019). A psicoterapia representa uma das atividades realizadas pelo psicólogo clínico, conforme descrito por Cordioli e Grevet (2019). Este é um método utilizado para tratar questões de saúde mental, envolvendo um embasamento teórico específico, técnicas ou procedimentos aplicados por um terapeuta qualificado.

Tal vastidão nas possibilidades do campo psicológico não é apenas prática, pois também existem muitas abordagens teóricas que podem servir para balizar a atuação do psicólogo clínico. A abordagem fenomenológico-existencial é uma delas, constituindo o aparato norteador do estágio de que decorre a produção deste trabalho. Inicialmente fundamentada por Husserl e Heidegger, essa perspectiva psicológica reconhece e destaca a importância da psicoterapia enquanto possibilidade de abertura para que a liberdade e o movimento aconteçam, na medida em que o cliente se descobre em seu próprio discurso, que é acompanhado pela escuta e a fala do terapeuta (Feijoo, 2002).

Diante disso, este relato resulta da experiência de estágio em Atendimento Clínico II, sob o viés da abordagem fenomenológico-existencial. Um dos objetivos desta produção escrita é fornecer, ainda que de forma breve, uma apresentação teórica geral sobre essa abordagem terapêutica, como esta compreende a existência dos sujeitos e seu modelo interventivo na prática da psicoterapia com adultos. Desse modo, busca-se aprofundar o conhecimento sobre as concepções teóricas dessa abordagem, consideradas essenciais para o desenvolvimento das práticas clínicas. Objetiva-se, também, relatar a experiência em estágio, assim como dispor sobre algumas das questões observadas no atendimento clínico, como as vivências do ser-mulher na atualidade, o que possibilitará a integração entre a teoria e a prática e, consequentemente, ampliar a compreensão da aplicação da abordagem fenomenológica-existencial na prática clínica do psicólogo. Para tanto, será explorado o caso clínico de uma mulher adulta, que foi atendida por 18 sessões, tendo seu processo psicoterápico finalizado em decorrência do encerramento do ano letivo.

2 ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL: TEORIA GERAL

De acordo com a teoria fenomenológica de Husserl, os fenômenos são o que a consciência apreende, portanto, toda consciência é intencional e está consciente de algo (Zilles, 2007). Em outras palavras, isso significa que “a consciência funda sentido como compreensão de algo que é (sentido do ser), através da intencionalidade, ou seja, através de sua orientação intencional para encher o vazio” (Zilles, 2007, p. 218).

Esse processo ocorre quando o mundo é colocado entre parênteses, permitindo a compreensão de sua essência. Assim, o mundo e seus fenômenos são apresentados à consciência, evidenciando a constituição transcendental da subjetividade humana (Zilles, 2007).

Complementarmente a ela, a teoria existencialista se debruça sobre a busca por apreender a existência humana. De acordo com a perspectiva existencialista, a existência é considerada como algo singular e concreto, que implica o compromisso do ser humano com o mundo. Ela é composta por um conjunto de possibilidades em constante mudança, tornando-se instável e contraditória (Bezerra; Bezerra, 2012).

Para Heidegger, filósofo existencialista, a existência humana não pode ser vista como algo limitado em si mesma, pois é composta por possibilidades que apontam para aquilo que se manifesta e se encontra presente. Portanto, a existência não é simplesmente uma contraposição ao não-ser. A existência representa, na verdade, uma abertura para o ser dos entes, como uma pré-compreensão do ser-em-si, sendo uma possibilidade dentro da imensidão da temporalidade (Sá; Barreto, 2011).

De acordo com o trabalho de Heidegger, que constitui um importante fundamento teórico para o desenvolvimento da psicologia fenomenológico-existencial, é também imprescindível refletir sobre suas contribuições no que se refere a essa abordagem em termos práticos, como a metodologia clínica (*Daseinanalyse*), voltada para a compreensão e o atendimento de pacientes com sofrimento mental e existencial (Roehe, 2004).

A *Daseinanalyse* consiste em um sistema compreensivo-terapêutico fenomenológico-existencial baseado na obra de Heidegger (1986/2002) e objetiva aplicar a ontologia fundamental do filósofo aos fenômenos psicológicos. Ludwig Binswanger (1886 – 1966), psiquiatra suíço, foi o primeiro terapeuta que aplicou as ideias de Heidegger como método de atendimento aos fenômenos da saúde mental, no final dos anos XX, e buscou desenvolver a *Daseinanalyse* como uma crítica à psicanálise. Medard Boss (1903 – 1990), também psiquiatra suíço, aprimorou o método, colocando como objetivo o reestabelecimento da abertura e da liberdade originária do ser, possibilitando que as pessoas se apropriassem das possibilidades de sua existência, em consonância com suas percepções, julgamentos e talentos (Roehe, 2004).

Anterior ao *Daseinanalyse*, a forma pela qual se dava a compreensão dos fenômenos psíquicos, incluindo os transtornos psicológicos, derivava das ciências naturais (Roehe, 2004). Essa nova metodologia permitiu compreender os sujeitos e os transtornos psíquicos sob um enfoque existencial, articulando o sofrimento e o adoecimento psíquico com as restrições do poder-ser, sendo necessário, portanto, a

desconstrução das identificações restritivas e a apropriação da liberdade essencial do ser-aí como um ser de possibilidades (Feijoo, 2011).

Desse modo, a *Daseinanalyse* foi, historicamente, como resultado do próprio movimento de mudanças que fazem parte do existir humano no mundo, colocando-se como uma possibilidade de metodologia para o atendimento de pacientes portadores de transtornos psicológicos, se distanciando de uma clínica psicológica baseada na determinação psíquica e considerando a existência tal como ela é, como potencial e abertura às possibilidades (Feijoo, 2011; Roehe, 2004).

Para Heidegger, segundo Braga e Farina (2017), a autenticidade do ser está no cuidado, isto é, na responsabilidade de cuidar de si mesmo e de ser quem se é de modo autêntico. A busca pela autenticidade do ser, no sentido heideggeriano, implica a superação de preocupações não autênticas, nas quais um indivíduo se opõe ao outro em um embate, e passa a adotar uma preocupação mais autêntica, na qual se compartilha o mundo com os outros, reconhecendo o caráter de abertura dos entes.

Nesse sentido, um de seus elementos essenciais é a liberdade, porém, ela causa inquietação, afinal, exige do indivíduo um cuidado constante diante das múltiplas escolhas existenciais, pois cada uma delas possui consequências; por isso é importante que os seres humanos atuem em suas próprias vidas como protagonistas, fazendo escolhas conscientes e responsáveis (Bezerra; Bezerra, 2012).

De acordo com Sapienza (2004), a terapia de cunho fenomenológico-existencial se concentra na experiência singular de cada paciente, e não em teorias científicas pré-determinadas. Ela visa compreender o mundo a partir da perspectiva do cliente, auxiliando-o a encontrar uma maneira mais autêntica de se posicionar na vida e diante de suas dificuldades, responsabilizando-o por sua própria existência, assim como por sua liberdade de escolha e de mudança. Para isso, o terapeuta se posiciona a partir de uma atitude fenomenológica, suspendendo interferências e julgamentos, conferindo voz ao cliente e às suas descobertas sobre si mesmo (Feijoo, 2011). A seguir, serão abordados alguns aspectos do atendimento clínico com adultos na clínica de abordagem fenomenológico-existencial.

2.1 ASPECTOS DO ATENDIMENTO CLÍNICO COM ADULTOS NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Acerca dos aspectos do atendimento clínico com adultos na abordagem fenomenológico-existencial, Feijoo (2002) realiza uma breve apresentação sobre suas características, mas não o faz de forma descritiva, como um manual de técnicas. Afinal, essa abordagem considera exatamente o oposto de outras linhas psicoterápicas, que se debruçam excessivamente sobre a aplicação de técnicas no processo terapêutico. Ela se opõe, ainda, à tendência moderna que coloca o psicólogo em posição de superioridade em relação ao paciente, que nada sabe, assim como aos aspectos taxativos de “normalidade” versus “anormalidade”.

Sendo assim, para a autora, o terapeuta deve sempre buscar compreender a experiência individual do paciente a partir de sua própria perspectiva, sem impor conceitos pré-determinados, uma vez que “através de reduções fenomenológicas, alcança-se a essência da psicoterapia como algo sem o qual não há o processo, chega-se à ‘escuta e à fala’ que são imprescindíveis no processo psicoterapêutico [...]” (Feijoo, 2002, p. 132), conferindo-lhe coerência.

Além disso, os terapeutas não devem se restringir apenas à demanda imediata apresentada pela pessoa que o procura, mas devem buscar compreender o mundo vivido do paciente e auxiliá-lo na ressignificação de suas experiências. Devem, portanto, ser “continentes, verdadeiros, genuínos e autênticos”, pois “esse outro requer essa atitude, a vida requer essa atitude” (Castro, 2021, p. 319).

A clínica fenomenológico-existencial visa, sobretudo, e a partir de sua visão do homem como “ser-no-mundo”, promover um movimento reflexivo do sujeito em atendimento, de modo que este reconheça suas vulnerabilidades humanas, assim como sua “liberdade perante seu ser de possibilidades e não como um ente simplesmente dado pela sua função no mundo” (Feijoo, 2002, p. 132).

A angústia, tão presente na clínica e, de um modo geral, no ser humano, não é vista nesta abordagem como algo a ser tratado e retirado do ser. Na verdade, é compreendida como algo inerente ao homem, que frequentemente se depara com a finitude e com sua própria liberdade. Frente a ela, a função do psicoterapeuta é justamente acompanhar o paciente, e não direcioná-lo, na apreensão de sua própria existência e das contradições que a englobam, com autenticidade (Feijoo, 2002).

Por fim, outro aspecto importante no atendimento é o lugar ocupado pela escuta e pela fala na psicoterapia fenomenológico-existencial, processos que são indissociáveis. A escuta autêntica possibilita que o paciente se expresse em seu ser mais próprio, enquanto a fala, como resposta autêntica do terapeuta a essa escuta, permite que este último compreenda e acompanhe o paciente em sua busca por sentido e por resolver as ambiguidades que a existência lhe impõe (Feijoo, 2002).

Castro (2021) reforça esse aspecto ao explicar que, quando um adulto procura ajuda terapêutica, traz consigo olhares e experiências sobre suas vivências e angústias em um misto de desamparo, cabendo ao terapeuta acolher, escutando verdadeiramente, e não apenas ouvindo, presentificando-se junto a essa pessoa.

Durante o estágio clínico, foi realizado atendimento com uma mulher e, como será relatado mais adiante, algumas dificuldades do ser-mulher na atualidade foram suscitadas.

2.2 SER MULHER NA ATUALIDADE: REFLEXÕES DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Em uma pesquisa sobre as experiências de ser mulher na atualidade, conduzida por Benevides e Boris (2020), identificou-se que essa experiência é descrita como possuidora de pontos gratificantes e também de dificuldades. Em uma perspectiva fenomenológico-existencial, os autores defendem que, ao se considerar que a existência precede a essência, não há como sustentar concepções naturalistas ou moralistas sobre o “ser mulher”, atribuindo características e papéis inerentes a esse ser.

Ser mulher na atualidade é, na verdade, resultado de construções históricas, sociais e culturais. Esses fatores limitam a liberdade de escolha das mulheres em relação à forma como se tornam, de fato, mulheres. Assim, o feminino é frequentemente atravessado por problemas e obstáculos que colocam as mulheres em uma posição de desvantagem em relação aos homens, que aparentam desfrutar de maior liberdade, autonomia e disponibilidade de tempo para lazer e descanso. Em contrapartida, a mulher se vê diante de obrigações impostas como se fossem inerentes ao seu ser ou função,

tais como as atividades domésticas, o casamento, a maternidade e os cuidados com os filhos, o que gera uma sobrecarga (Benevides; Boris, 2020).

Beauvoir (1967; 1970) afirma que muito do sofrimento existencial experimentado pelas mulheres advém de uma posição de inferioridade socialmente relegada a elas na sociedade, não se tratando de algo biológico, mas construído socialmente, onde o feminino é desvalorizado e o masculino engrandecido. Assim, papéis de submissão e subordinação são impostos ao gênero feminino, em uma relação desigual de poder, o que abre precedência para as múltiplas sobrecargas sofridas.

Nesse sentido, Santos e Diniz (2018) identificaram, a partir da experiência de mulheres “donas de casa” – como foram intituladas pelas autoras, que a visão que estas possuíam de si mesmas, sua autoestima e saúde mental, apresentavam abalos, percebidos, por exemplo, pelo sentimento de desvalor e limitação de papéis, relacionados à desvalorização e ao lugar de invisibilidade atribuído ao trabalho doméstico. Além disso, reiteram que “frente à falta de autonomia econômica e de reconhecimento de seus familiares, as donas de casa também têm dificuldades de reconhecer seu valor, afetando a forma de ser e estar no mundo, o que potencializa o comprometimento de sua saúde mental” (Santos; Diniz, 2018, p. 37).

A maternidade, por sua vez, mesmo com todas as mudanças ocorridas na modernidade, ainda é vista como uma das centralidades do ser mulher na atualidade, o que evidencia o quanto a existência da mulher ainda é socialmente associada à sua capacidade de reprodução, sendo atribuída a elas a responsabilidade de construir uma imagem de mãe cuidadosa e amorosa, que renuncia à sua vida pessoal para se dedicar à maternidade (Lopes; Santos, 2023).

Muitas mulheres, hoje, de fato veem a maternidade como uma possibilidade de se sentirem úteis e necessárias diante de suas obrigações para com o filho, assumindo um compromisso de dedicação que, muitas vezes, é idealizado por elas. Em contrapartida, essa idealização pode sair do controle quando o filho enfrenta alguma adversidade, o que pode gerar culpa e sofrimento para a mãe, que, em virtude da tarefa socialmente imposta de cuidar do filho, sente-se responsável por qualquer dificuldade que ele venha a enfrentar (Lopes; Santos, 2023).

Todas essas questões e conflitos foram observados ao longo dos atendimentos clínicos na experiência que será relatada a seguir. Na ocasião, a paciente apresentava restrições no poder-ser em relação à sua experiência como mulher, esposa e mãe de um filho com restrições alimentares.

No entanto, ao longo do processo, observou-se a desconstrução das identificações restritivas e a apropriação da liberdade essencial do ser-aí como um ser de possibilidades, na medida em que ela se permitiu exercer sua liberdade existencial e se posicionar no mundo de forma mais autêntica e verdadeira, tanto consigo mesma quanto com o mundo e com os outros, assim como preconizado por Feijoo (2011).

2.3 RELATO EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DOS DADOS

Ao longo do estágio em Atendimento Clínico II, foram realizadas 18 sessões. A pesquisa de Benevides e Boris (2020) revela que ser mulher na atualidade envolve tanto gratificações quanto dificuldades, refletindo construções históricas e sociais que limitam a liberdade de escolha. Essa perspectiva é especialmente visível na experiência de uma paciente de 48 anos, casada e mãe de um filho diagnosticado com doença celíaca, que

se apresentou ao atendimento com queixas de episódios de choro excessivo relacionados a emoções intensas, como alegria, mas raramente por tristeza. Com o tempo, suas demandas se expandiram, incluindo a não aceitação do diagnóstico do filho, preocupações sobre o futuro dele e a sobrecarga emocional e física resultante dos cuidados rigorosos que a doença exige.

A doença celíaca, uma condição que requer uma dieta estritamente livre de glúten, impõe à paciente uma responsabilidade intensa, levando-a a abandonar o trabalho fora de casa para se dedicar integralmente à família e à casa. Essa decisão, embora motivada por amor e dedicação, a fez sentir-se distante da mulher que era antes, aumentando sua ansiedade e a sensação de não estar cumprindo adequadamente suas funções.

Durante as sessões, a paciente relatou sua luta interna entre a necessidade de impor limites, como no episódio em que pediu ao filho para ajudá-la nas tarefas, e o desejo de manter a harmonia familiar. Essa dinâmica ecoou as críticas de Beauvoir (1967; 1970) sobre a posição de inferioridade socialmente construída para as mulheres, que muitas vezes se sentem obrigadas a sacrificar suas próprias necessidades em prol da família. O descontentamento da paciente em assumir sozinha as responsabilidades sobre a família, reflete a sobrecarga emocional que muitas mulheres enfrentam em seus papéis tradicionais.

Além disso, a dificuldade em atribuir tarefas a outros membros da família e a tendência de priorizar o autocuidado foram temas recorrentes nas sessões. O sentimento de culpa que a paciente experimentava ao cuidar de si mesma e a necessidade de justificar suas ações, especialmente em relação ao marido, corroboram as observações de Santos e Diniz (2018) sobre a desvalorização que as mulheres frequentemente enfrentam em suas funções de cuidadoras.

Através de atividades terapêuticas, como a elaboração de um cronograma de tarefas, a paciente começou a reconhecer e valorizar seu esforço diário, inicialmente percebido como “não fazer nada”. Essa prática a ajudou a desenvolver uma maior auto compreensão e a valorizar sua dedicação, ao mesmo tempo em que se permitiu reconhecer suas necessidades pessoais, incluindo a necessidade de descanso e tempo para si mesma.

Ao longo do tratamento, o espaço terapêutico, caracterizado pela empatia e acolhimento, permitiu que a paciente se sentisse segura para expressar emoções como tristeza, mágoa e frustração. A terapeuta, ao validar essas emoções, contribuiu para que a paciente se abrisse mais sobre suas dificuldades, especialmente em relação à saúde do filho e à pressão que sentia para atender a todas as demandas familiares.

Essas interações não só iluminaram as tensões que a paciente vivia entre suas obrigações sociais e suas necessidades pessoais, mas também possibilitaram um movimento em direção à autenticidade. O processo terapêutico, centrado na experiência fenomenológico-existencial, favoreceu a desconstrução das identificações restritivas que a paciente carregava, permitindo-lhe explorar sua liberdade essencial.

Como resultado, a paciente começou a se posicionar de maneira mais autêntica no mundo, valorizando suas conquistas e reconhecendo a importância do autocuidado. Apesar de ainda enfrentar desafios, como a dificuldade de relaxar e as preocupações constantes com a rotina, observou-se uma diminuição da ansiedade e dos episódios de choro.

A abordagem terapêutica não apenas contribuiu para a melhora da saúde mental da paciente, mas também enfatizou a importância de um espaço seguro para a expressão

das emoções. Isso destaca a relevância de uma clínica que prioriza a experiência individual, reconhecendo a complexidade da vida das mulheres contemporâneas e suas lutas internas. Essa vivência terapêutica foi fundamental não apenas para o progresso da paciente, mas também para a formação profissional da terapeuta, ampliando suas perspectivas sobre a prática clínica e a relação entre teoria e prática, essencial para uma aprendizagem efetiva.

Portanto, o atendimento clínico, ao integrar teoria e prática, não apenas promoveu o reconhecimento das vulnerabilidades da paciente, mas também fortaleceu sua capacidade de se posicionar no mundo de forma mais genuína, refletindo a busca por uma identidade mais autêntica e significativa em meio às complexidades da vida cotidiana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estágio clínico proporcionou um aprendizado significativo, tanto no âmbito teórico quanto prático, da psicologia fenomenológico-existencial. A experiência de atender uma mulher que enfrentava os desafios de ser mãe e esposa, além de lidar com suas próprias demandas pessoais, destacou a importância de uma prática clínica que valoriza a escuta empática e a singularidade de cada paciente.

Por meio do trabalho terapêutico, a paciente foi capaz de desenvolver maior autonomia e auto compreensão, fatores essenciais para sua saúde mental e bem-estar. Este estágio reforçou, também, a relevância de uma abordagem clínica que considera o ser humano em sua totalidade, respeitando suas particularidades e promovendo sua liberdade existencial.

Conclui-se que a prática clínica, orientada pela fenomenologia, não apenas oferece suporte emocional, mas cria um espaço de transformação, permitindo que o paciente ressignifique sua vida e suas escolhas de maneira mais autêntica e livre. Essa abordagem, ao integrar teoria e prática, proporciona um cuidado profundo e centrado no indivíduo, essencial para o desenvolvimento de uma identidade mais genuína e para o fortalecimento do bem-estar psicológico.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENEVIDES, R. F. C.; BORIS, G. D. J. B. A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: uma perspectiva fenomenológico-existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. 1, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.2. Acesso em: 16 ago. 2024.

BEZERRA, M. E. S.; BEZERRA, E. do N. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 21-36, dez. 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRAGA, T. B. M.; FARINA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestalt**., Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a08.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

CASTRO, E. H. B. de. **Perspectivas em psicologia fenomenológico-existencial**: fazeres, saberes e possibilidades. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

CORDIOLI, A. V.; GREVET, E. H. **Psicoterapias**: abordagens atuais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FEIJOO, A. M. L. C. **A existência para além do sujeito**: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: Edições IFEN; Via Verita, 2011. 207p.

FEIJOO, A. M. L. C. A psicoterapia em uma perspectiva fenomenológico-existencial. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto et al. **Psicoterapia Fenomenológico-Existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LIU, S. M. et al. Doença celíaca. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 24, supl. 2, p. 38-S45, 2014. Disponível em: https://rmmg.org/artigo/detalhes/622. Acesso em: 16 ago. 2024.

LOPES, A. C. F.; SANTOS, H. P. Simone de Beauvoir e a clínica fenomenológica-existencial: uma revisão crítica da literatura. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 29, n. 3, 2023. Disponível em: https://itgt.com.br/rag/index.php/go/article/view/183/119. Acesso em: 16 ago. 2024.

ROEHE, M. V. *Daseinsanalyse*: Heidegger e a psicoterapia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. 2004. 6 (2); p. 135-146.

SANTOS, L. S.; DINIZ, G. R. S. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A02. Acesso em: 16 ago. 2024.

SÁ, R. N. de.; BARRETO, C. L. B. T. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 28, n. Estud. psicol. (Campinas), 2011 28(3), p. 389–394, jul. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/YxnvbDMYQnRZLQTNFBVVRBf/. Acesso em: 16 ago. 2024.

SAPIENZA, Bile Tatit. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: Educ/Paulus, 2004.

SILVA, J. A. P. DA.; COELHO, M. T. Á. D.; PONTES, S. A. Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica com Orientação Psicanalítica: Uma Revisão de Literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e35433, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/8FYqkmrKxjqcwvWNv6KMxnq. Acesso em: 16 ago. 2024.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt**., Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.